

Esporte proletário no Brasil (1928-1935): a organização esportiva da Federação da Juventude Comunista

Cláudia Emília Aguiar Moraes - Florianópolis/Brasil

- cea_moraes@hotmail.com

Alexandre Fernandez Vaz - Florianópolis/Brasil - alexfvaz@uol.com.br

Resumo: trata da organização esportiva proletária engendrada pela Federação da Juventude Comunista no Brasil (FJCB) entre os anos de 1928 a 1935. Busca interrogar as referências e significados da organização do esporte na dinâmica do movimento dos trabalhadores, bem como suas características, suas definições e os limites de sua aceitação e negação vinculados aos ideais que representaram o esforço de reflexão de parte do proletariado organizado sobre aquele contexto crítico da sociedade brasileira. Aponta que a FJCB levou em consideração o alcance do esporte entre os trabalhadores, principalmente os jovens, e o revestiu de um discurso classista a favor do partido comunista. Destaca que a organização de práticas corporais proposta pelos jovens comunistas privilegia o futebol e também considera que as associações de classe, como sociedades recreativas, clubes dançantes e associações esportivas, foram espaços de partilha de experiências e ideais de classe heterogêneos. Usa como fonte a documentação oficial da FJCB com o partido comunista e jornais, concluindo que não houve por parte dos comunistas a construção de uma crítica ao conteúdo interno do esporte e aos seus códigos. A utilidade dos espaços esportivos, caracterizados como proletários, não serviu apenas para usufruto da prática, mas, também, como doutrinação política. Entretanto, sem questionar os conteúdos e as formas de uso do esporte, aproveitando dele a aceitação e inserção entre os trabalhadores jovens.

Palavras-chaves: História do esporte; esporte operário; educação física.

Introdução

Este texto é parte do trabalho de mestrado¹, concluído em 2007, que tratou do fenômeno esportivo na perspectiva dos trabalhadores urbanos brasileiros das

idades de São Paulo e do Rio de Janeiro, no período de 1928-1935, quando foram observadas iniciativas do movimento operário, principalmente de orientação comunista, em fomentar a prática esportiva de conteúdo classista entre trabalhadores.

Na ocasião daquele trabalho dissertativo, consideramos um cenário esportivo brasileiro que, desde o final do século XIX, veio se legitimando socialmente como um elemento educativo, já que, relacionado à formação moral, física e intelectual do indivíduo, criava o sentimento de amor pela pátria, dominava as paixões dos jovens, disciplinava o trabalhador e, de maneira sadia, ocupava as horas livres. E entre os trabalhadores, desde o início do século XX, existiram clubes de fábricas, associações esportivas espalhadas pelos bairros operários das grandes cidades brasileiras, mas a relação estabelecida entre esporte e movimento operário gerou muitas polêmicas, que questionavam, principalmente, a vinculação das práticas esportivas com os valores burgueses.

Percebemos que, durante as décadas de 1920 e 1930, o esporte se popularizou e ganhou visibilidade de fenômeno social de grande aceitação popular, principalmente entre os trabalhadores, assumindo a condição de manifestação pública. Diante desse quadro, setores organizados do movimento operário, como foi o caso dos comunistas – também muito influenciados por reordenações políticas internas do comunismo internacional –, levaram em consideração o alcance do esporte entre os trabalhadores e o revestiram de um discurso classista construindo uma orientação para esta prática do cotidiano operário, visando, sobretudo, a agrupação da classe sob a política comunista. Os estudos que deram atenção a esse aspecto privilegiaram a perspectiva da história do futebol e de associações de classe em que a experiência foi partilhada, tais como sociedades recreativas, clubes dançantes e associações esportivas.²

Para a ocasião da dissertação utilizamos como fonte a imprensa proletária, documentos da Juventude Comunista e um periódico da Educação Física para

dialogar com a apropriação que o movimento operário fez da organização esportiva, bem como as referências e determinações atribuídas ao esporte no âmbito do projeto de formação da classe operária brasileira. A partir desse material, organizamos três capítulos: o primeiro apresentou a conjuntura histórica na qual o esporte adquiriu significados e valores associados à dinâmica da política operária no período compreendido entre o final dos anos de 1920 e o início da década posterior; o segundo buscou compreender como se deu a intervenção de intelectuais e empresários no campo esportivo e o que isso significou para a configuração de um contraponto para o esporte proletário e para seu direcionamento, e por fim, o terceiro capítulo, o qual este trabalho se dedica a apresentar, investigou a temática da proletarização do esporte nos limites da Federação da Juventude Comunista do Brasil (FJCB).

Proletarização do esporte

A tarefa de proletarização do esporte permitiu/exigiu do movimento operário a construção de uma percepção sobre o esporte burguês e a elaboração de críticas contra esse movimento. O fenômeno esportivo era visto pelo movimento proletário, ao mesmo tempo, como um forte mecanismo/dispositivo de exploração e alienação e como um meio possível de propagar os ideais proletários, fomentando a união dos trabalhadores, ou seja, “[...] o esporte [foi] um meio de luta contra o capital” (Associação..., 1928:7). A discussão empreendida pelos jornais operários sobre o esporte burguês estava atrelada à percepção de uma cultura proletária que o classificava, sobretudo, como instrumento de dominação ideológica que reproduzia a exploração capitalista e o transformava em mercadoria. Para os comunistas

[...] o esporte é vítima do mercantilismo e da exploração das associações burguezas, cujo objetivo não é nem pode ser outro a não ser o proveito material e a exploração, ao mesmo tempo que a ilusão dos que o praticam e dos espectadores. [...] O esportista da sociedade burgueza é (e a isto não se pode fugir) o escravo do mercantilismo e da exploração como o são igualmente o artista e o cientista (A. Fres, 1928: p. 2).

Investir, então, nessa concepção de esporte implicava em aceitar que, na perspectiva comunista, ele é um fenômeno ambíguo, cuja caracterização e

sentidos dependeriam do contexto em que ele ocorria. Se utilizado pelos operários, serviria para fomentar a solidariedade de classe e ajudá-los no combate pela sua libertação e emancipação porque “O desporto bem organizado e melhor orientado, será uma arma terrível em nossas mãos” (Comentando..., 1927:4).

Para os comunistas a relação era exata: à medida que o esporte burguês se intensificava ganhando terreno como prática hegemônica, a exploração também se acentuava (A. Fres, 1928:2). Essa exploração contava com uma vasta rede de influências: o Estado, as tradições, a imprensa, as instituições governamentais, a religião, a escola (Os trabalhadores..., 1933:1), ou seja, os métodos mais bárbaros de exploração e opressão eram usados pelos *ricachos* e pelo seu Estado (Carta..., 1935: 5). Além disso

O radio, a imprensa, o cinema, a escola, etc., também são armas que os nossos sangue-sugas utilizam para melhor nos explorar e opprimir, dizendo que nos querem educar physica e intellectualmente com seus clubs recreativos, esportivos e culturaes, não tendo outro objectivo senão entorpecer os nossos sentimentos de classe e auferir, a nossa custa (Carta..., 1935:5).

Mas os comunistas, atentos às possibilidades que os esportes ofereciam, projetaram para a juventude um modo de formação tornando-a legítima condutora do ideal de proletarizar o esporte. Toda essa preocupação com o setor juvenil do movimento operário levou os comunistas a criarem a FJCB, pela qual projetos de proletarização do esporte e de formação da militância por meio de organizações esportivas tiveram empreendimentos mais destacados.

A Federação da Juventude Comunista do Brasil e a organização esportiva operária

A FJCB foi a organização que canalizou muitos dos empreendimentos para o terreno esportivo comunista. Na sua trajetória capturada através fontes é possível marcar 3 momentos. Eles representam, respectivamente, o início dos trabalhos do Partido Comunista do Brasil (PCB) sobre a juventude e o esporte, ainda no final dos anos de 1920; na seqüência, entrando nos anos de 1930, vê-

se um período em que a FJCB realizou avaliações e autocríticas à linha de trabalho realizada até então e, por fim, um momento em que a Federação, sob repressão e grandes dificuldades, revisou mais uma vez sua política de trabalho no terreno esportivo em direção a um desfecho, no final do quinquênio da década de 1930.

A reunião de jovens militantes, até 21 anos, no PCB recebeu o nome de JC e teve um importante papel na renovação de quadros da militância e na perpetuação da doutrina do Partido. No Brasil, a primeira experiência comunista com a organização de jovens aconteceu em 1927, com a fundação, em 1º de agosto, da FJCB.

O curso da FJCB na história do movimento operário brasileiro está registrado em documentos de circulação interna, como relatórios, circulares, resoluções de congressos, cartas entre membros da Federação, além de um jornal intitulado *O Jovem Proletário*, que foi, durante algum tempo, seu porta-voz e seu órgão de classe.³ De maneira geral, a existência da FJCB (1927-1935) se realiza entre períodos de entusiasmo e de dificuldades extremas para a realização de seus planos, metas e objetivos de organizar e auxiliar a massa juvenil em torno dos seus direitos e reivindicações. A busca pela criação de uma base jovem e educada sob os princípios políticos do PCB e também o esforço de mobilizar operários em torno da causa comunista objectualizaram no esporte a possibilidade de disputar o poder político e de auxiliar no confronto de classes. O que foi, então, a FJC e seu projeto de reunir e formar jovens trabalhadores por meio do esporte de classe? Não se deve pensar que tudo foi ufanismo, conforme admitiu o secretário da FJC: “[...] temos o prazer de poder dizer-lhes que temos trabalhado na medida das nossas forças e que temos conseguido alguma coisa” (Carta ao secretariado..., 1928).

Com o objetivo de ser uma organização juvenil de caráter nacional, a FJC deveria seguir a linha política do Partido, cuja “[...] ação se limitava a recrutar jovens [...] e mantê-los unidos em torno de atrações de toda ordem como

esportes, teatro, festinhas, piqueniques [...]” (BASBAUM, 1976:43). Para Guiraldelli Jr (1987:157), as atividades culturais e esportivas da FJC foram uma base educativa importante para o meio operário, oferecendo desde subsídios para formação militante e combativa e, para Basbaum (1976), a educação mais elementar, como alfabetização.

A questão esportiva foi sistematizada, pela primeira vez, em evento de grande importância para o movimento comunista brasileiro. As Teses do 3º Congresso do PCB, realizado no final de dezembro de 1928, concordavam que o esporte no Brasil se encontrava muito desenvolvido e que havia uma grande quantidade de pequenos clubes (Sobre a questão..., 1929). Tratava-se dos chamados clubes de rua ou de esquina, a respeito dos quais as Teses diziam: “[...] não têm ideologia proletária e se desinteressam por completo das questões econômicas e políticas, que lhe dizem respeito” (Sobre a questão..., 1929). Havia ainda outra dimensão desse envolvimento dos operários com o esporte: eram os grandes clubes das ligas burguesas que atraíam “[...] uma grande quantidade de operários jovens e adultos, criando neles uma mentalidade sportiva sem distinção de classes” (Sobre a questão..., 1929). Esses dois universos, de realidades tão diferentes, integravam um quadro único de diretivas do PCB e da FJCB para o esporte.

Se até o ano de 1929, a JC conheceu o crescimento mergulhada em um intenso ritmo de trabalho, temos, então, no início do ano de 1930, passado um ano do 1º Congresso da JC, uma situação ambígua na qual, por um lado, prevalecia a incapacidade, a inadequação das formas de trabalho, mas, por outro, persistiam as afirmações de que o momento era favorável e os relatos otimistas no sentido de recuperar o trabalho fracassado. A avaliação dos comunistas era que a FJC estava falhando, pois, apesar das possibilidades, pouco tinha sido feito (Carta da Federação..., 1930).

Interessa-nos aqui apresentar algumas dificuldades enfrentadas pela FJCB para implementação do trabalho esportivo. Exatamente no momento em que a

Federação apostava em um conjunto de medidas para se reorganizar aparecem registro avaliativos da proposta esportiva:

Não temos sabido organizar pequenas organizações intermediárias nas fábricas, nos bairros operários, etc. E igualmente não temos sabido mobilizar as massas juvenis pelas suas organizações, tomando atitudes verdadeiramente passivas frente a reação policial contra ellas, como nos casos dos Centros de Jovens, faz Federações Esportivas. No trabalho esportivo, depois de perdermos tempo e energias em um trabalho burocrático, não pudemos fortalecer a nossa influencia em todos os clubs e na propria federação sportiva, realizando um verdadeiro trabalho de conquista de massas. Todos esses factos permittiram a rápida desorganização de nossas organizações sportivas (Situação..., 1930:5).

Esse tipo de avaliação foi ainda repetido nos anos 1930 e 1931. O que é importante destacar é que esse discurso, segundo a FJCB, fazia parte de um movimento chamado de “viravolta” (Resolução do comitê..., 1930) da Federação da JC, que consistia na *proletarização* do partido, na *expulsão de elementos desviantes* e, conseqüentemente, na *extinção do sectarismo*. Esse momento levou a Federação a afirmar a “[...] completa desorganização das federações esportivas proletárias” (Situação..., 1939), o que poderia ser até verdade se entendermos que as federações citadas eram aquelas “genuinamente operárias”, idealizadas sob a tarefa de convocar as massas operárias juvenis em torno do ideal inflexível do esporte proletário e da educação política.

Mas o momento foi mesmo de contrariedades. De acordo com sua própria avaliação, o esporte burguês teve cada vez mais incremento e aumentou cada vez mais seu caráter mistificador, principalmente sobre os jovens, e tudo isso sob o apoio do Estado, que dedicou mais atenção ao esporte aproveitando a necessidade que as massas tinham e sentiam profundamente de se divertir (Resolução do 2º pleno, s/d:p.2).

Novas tentativas de reorganização foram lançadas e durante toda a sua existência, a FJCB acumulou experiência e conquistas no terreno esportivo,

entretanto, ela não conseguiu consolidar o projeto do esporte proletário no Brasil e sua dissolução, em 1935, parece ter deixado tarefas a cumprir.

Considerações finais

Todo o esforço de outro papel social do esporte parece ter desconsiderado a história de envolvimento que a classe trabalhadora construiu com o esporte no Brasil. Há dois apontamentos possíveis para compreensão da dissolução do projeto de esporte proletário: o primeiro é a própria implementação, em nosso País, de ideias originadas em um contexto internacional: falamos aqui do papel da Internacional Comunista, sem o conhecimento das peculiaridades do desenvolvimento dos esportes em nosso País e estruturação da classe operária; o segundo se deve a indeterminação de uma postura objetiva de ação. A partir de 1930, quando o esporte ganhou grande relevância para a política e o futebol ganhou *status* de profissão, houve dificuldades de manter postura coerente diante da participação de trabalhadores no esporte.

Os trabalhadores organizados, notadamente os comunistas, não tiveram interesse no esporte e sua organização interna, mas apenas na prática como meio de mobilização. Esse projeto parece não ter sentido em si e ao dedicar pouca atenção ao conteúdo interno do esporte sugere a não intencionalidade de debater a questão de o esporte ser um bem cultural ou ser uma expressão do modo de produção capitalista no plano da cultura de movimento.

Referencias

- ANTUNES, F. M. R. (1992). *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos - memórias*. São Paulo: Alfa Omega, 1976.
- GHIRALDELLI, P. (1987). *Educação e movimento operário*. São Paulo: Cortez.
- MARCASSA, L. (2002). *A invenção do lazer: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888 – 1935)*. Dissertação (Mestrado em Educação

Brasileira) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

PEREIRA, L. A. M.(2000). *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SIQUEIRA, U. (2002). *Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro*: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano (1915-1924). 2002. 190f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.

Fontes

A. FRES. Pelo esporte proletario contra o esporte burguez. *O Internacional*, São Paulo, n 143, p. 2, 1 out. 1928

ASSOCIAÇÃO Graphica de Esportes. *O trabalhador Graphico*, São Paulo, n. 97, p. 7, 1 jul 1928.

CARTA Aberta. *Nossa Voz*, São Paulo, n 33, p. 5,1 jan. 1935.

CARTA AO SECRETARIADO da Organização do KIM, Rio de Janeiro, 7 dez. 1928.

CARTA DA FEDERAÇÃO da Juventude Comunista do Brasil ao Secretariado Sul-Americano Juvenil da Internacional Juvenil Comunista, 3 jan. 1930.

COMENTANDO... . *A Nação*, Rio de Janeiro, p. 4, 5 jan 1927.

OS TRABALHADORES e suas agrupações. *A Plebe*, São Paulo, n. 8, p.1, 14 jan 1933.

RESOLUÇÃO DO COMITÊ Central Ampliado da Federação da Juventude Comunista sobre as tarefas do Partido Comunista Situação. *Boletim da Federação da Juventude Comunista*, n. 1, out. 1930, p.3.

RESOLUÇÃO DO 2º PLENO do Comitê Central da Federação da Juventude Comunista sobre a situação do país e sobre a situação e tarefas da Juventude Comunista do Brasil, sem data.

SITUAÇÃO e tarefas da federação. *Boletim da Federação da Juventude Comunista*, n. 1, out. 1930.

SOBRE A QUESTÃO esportiva. *Teses do 3º Congresso do PCB*, 12 fev. 1929.

¹ Originalmente com o título “esporte proletário: uma leitura da imprensa operária brasileira (1928-1935)” essa dissertação foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina sob orientação do prof. dr. Carlos Eduardo dos Reis e co-orientação do prof. dr. Alexandre Fernandez Vaz. Na utilização das fontes mantemos a grafia original.

² Conferir Antunes (1992), Pereira (2000), Marcassa (2002) e Siqueira (2002).

³ O *Jovem Proletário* circulou durante toda a existência da Federação (com interrupções), entretanto só encontramos exemplares desse jornal referentes aos anos de 1928 e 1934. Trata-se de três números especiais dedicados a Lênin, no ano de 1928, e um número no ano de 1934, todos localizados no CEDEM.